

Funaro diz que Brasil não tem

JORNAL DO BRASIL

domingo, 11/1/87 □ 1º caderno □ 23

como pagar dívida em 87

Brasília — O Brasil não tem condições de desembolsar 12 bilhões e meio de dólares para pagar os compromissos da dívida externa, este ano.

A afirmação é do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, que prevê "reuniões muito duras" com o Clube de Paris, já que o Brasil vai lutar para que o ajuste externo não represente um desajuste interno, que force uma recessão e dificulte o crescimento da economia nacional.

Funaro insiste que o caminho escolhido pelo governo Sarney é o do crescimento e da luta contra a recessão, informando que nos últimos cinco anos o Brasil pagou 55 bilhões de dólares e recebeu financiado apenas 19 bilhões. Agora, busca um entendimento com as agências de crédito externo, que há quatro anos não financiam o país, para que voltem a financiar, abrindo assim a possibilidade de aumento do crescimento do Brasil e, conseqüentemente, a normalização do fluxo dos pagamentos externos.

O ministro informou que, na próxima semana, o governo anunciará grandes investimentos em obras de infra-estrutura, como construções de armazéns, capazes de guardar safras deste ano, construção de estradas, e abertura de novas linhas de crédito para a iniciativa privada, além de novos investimentos no setor de energia.

Essas medidas foram anunciadas por Funaro no final da reunião de mais de seis horas, em sua casa, com o diretor da área bancária do Banco Central, Persio Arida, Luís Carlos Mendonça de Barros, diretor de mercado de capitais, João Manuel Cardoso de Mello, assessor especial do Ministério da Fazenda, e o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães.

O país quer crescer e recusa a recessão. Basicamente será essa a posição que o governo brasileiro defenderá nas próximas negociações com o clube de Paris, que serão iniciadas dia 19. A expectativa do ministro da Fazenda é de que se nessa negociações o Brasil conseguir abrir caminho para novos financiamentos e condições mais adequadas para o pagamento do serviço da dívida externa, conseguirá o mesmo nas negociações com os bancos comerciais, que se iniciarão logo após.

— Nossa opção é a da negociação. Só ela permitirá ao Brasil cada vez mais manter o seu crescimento, o bom relacionamento internacional, as exportações, as importações e tecnologia — insistiu o ministro, reforçando: "A recessão é apenas o esforço unilateral do Brasil, não trata a solução de crise alguma, pelo contrário, so vai atrapalhar a nossa nação, breçar o desenvolvimento nacional. Alguns banqueiros internacionais conhecem o esforço do Brasil. Sabem que não podemos continuar fazendo esse esforço, sem que haja um refinanciamento da parte deles."

O presidente do PMDB explicou que estava ali numa reunião de rotina para tomar conhecimento do que o governo pretende fazer no setor de investimento para obras de infra-estrutura e industrialização, para reduzir taxas de juros. Ele destacou ainda que recolheu a impressão de que a equipe econômica do governo e o presidente Sarney estão inteiramente afinados com o PMDB no que diz respeito à distribuição de renda introduzida pelo Plano Cruzado e a manutenção do poder de compra dos trabalhadores.

Os jornalistas fizeram uma pergunta sobre abono e gatilho salarial e, de bom humor, Ulysses respondeu:

— Eu peço que vocês não insistam nisso, porque eu não sei de nada e, ainda que soubesse, nada responderia a respeito.

A essa altura, o presidente do PMDB pediu licença e entrou em seu Landau de placa amarela. Funaro começou a entrevista falando sobre o fantasma da inflação. Ele atribuiu a volta da inflação à própria sociedade:

— Há setores que procuram aumentar seus preços e os que tiram proveito do aumento de demanda.

O ministro Funaro reiterou que "o governo não tem medo de enfrentar as injustiças nem de combater os especuladores". E voltando à necessidade de o Brasil pagar menos aos credores internacionais, Funaro afirmou:

— O Brasil daqui a 10 anos será o 6º país industrializado do mundo e esse país não pode conviver com a pobreza absoluta.